|  |
| --- |
| **COMISSÃO DA VERDADE**  **PRESIDENTE**  **DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**  **14/06/2013** |

**COMISSÃO DA VERDADE.**

**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**14/06/2013**

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** –... Lá no anfiteatro de história vai ter a cerimônia do rebatismo do auditório do CAISM que vai se chamar Luiz Eduardo da Rocha Merlino, dia 19 as 18 horas lá na USP. Então, vamos constituir a mesa.

Celeste, Ana Maria, Ieda Reis, fica uma de cada lado. Eu queria mais uma desse lado para compor a mesa para dar um balanço bom na imagem. Quer vir para cá, Ângela? Pronto.

Tem sessão de cinema nesse final de semana? Braços Cruzados às 23 horas, TV Assembleia Legislativa. Braços Cruzados, Máquinas Paradas.

52ª audiência pública, 14 de junho de 2013, auditório Teotônio Vilela, instalação da 52ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva no dia 14 de junho de 2013 às 14 horas na Assembleia Legislativa no auditório Teotônio vilela, mulheres que viveram no exílio.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público. Formação da mesa, Maria Celeste Marcondes, Ieda Reis, Ana Maria Gomes, e a Ângela Mendes de Almeida.

Mulheres que viveram no exílio. Vamos lá. Maria Celeste Marcondes com a palavra.

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** Olha, as três aqui viveram no exílio a partir de coisas diferentes. Eu achei muito legal isso porque assim, eu não fui presa, fiquei clandestina e depois fui para o exílio. A Ieda foi presa, foi barbaramente torturada, tem muito a contar para a Comissão da Verdade e depois ela foi trocada em um sequestro por um Embaixador. E aí viveu no exílio. Quer dizer, ela foi banida. E a Ana é trabalhadora, operária, foi presa, ela foi presa outra vez e depois que cumpriu a pena ela saiu e foi para o exílio. Então, são três qualidades de chegada ao exílio. A Ângela foi para o exílio. A Ângela teve prisões aqui também, mas depois ela foi para o exílio. Ela estava fazendo uma formação na França com o Merlino quando ele veio para cá e foi morto.

**A SRA. ÂNGELA MENDES DE ALMEIDA –** Celeste, eu contei outro dia que eu fiquei cinco anos militando clandestinamente na Argentina e no Chile, só depois eu fui para o exílio, em 75.

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** É legal porque tem quatro qualidades aqui de manifestação.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Ontem à noite, no meio da manifestação da juventude eu encontrei o Sr. que faz a transcrição de toda a Comissão da Verdade. Ele ficou emocionado, nos cumprimentou, e falou: ‘Mas vocês falem o nome da pessoa que está falando antes porque senão eu não consigo transcrever’. Vamos lá.

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** As origens. Eu sou filha de uma brilhante costureira e de um pai que nunca acertava bem algum trabalho, mas que tinha uma formação intelectual de primeira categoria, porque ele foi colocado aos oito anos de idade no Colégio São Bento, e saiu de lá com 24 anos. Ele dizia que foi prisão, tortura, tudo. A família queria que ele fosse padre, então, ele foi posto lá com oito anos, saiu com 24 sem nenhum sentido prático da vida. Uma belíssima formação em latim, francês, português, filosofia, política, mas ele não conseguia se estabelecer em uma coisa. O que deu certo para ele foi duas vezes ser zelador de prédio, porque tinha o apartamento que não precisava pagar aluguel, a minha mãe costurava, fazia alguns reparos, e quando ele estava bem ele dava aula particular de latim, de português para alunos que estavam atrasados, coisas desse tipo. Ele era uma pessoa muito interessante. Ele lia, lia, lia. Quem não fosse à biblioteca Mario de Andrade todo sábado pegar livro para ler toda noite, levava cada bronca, e só o livro ia resolver a vida da gente. E resolveu, todos os quatro filhos estudaram, todos os quatro fizeram faculdade, com nenhum dinheiro. Nada, nada, nada. Ler era fundamental e fica muito interessante você ter filha, a minha irmã ganhou um jaboti, o meu irmão foi um puta profissional e sendo de origem tão pobre. Aí a gente vê que a educação, depois ela vai falar da educação, que a educação é tudo. Aquela coisa de ele fazer a gente ler, ler, ler, sentar na mesinha da cozinha e tal, dentro da pobreza, fez da gente, gente que fez faculdade. Era um negócio impressionante.

São Paulo, nós nascemos no Rio de Janeiro e depois viemos para São Paulo. Isso aí é a marca da nossa vida, e tem coisas que marcaram também, por exemplo, a minha mãe sumiu 15 dias, a gente era criança, não sabia, ela sumiu 15 dias e a única coisa que eu lembro era a palavra êmbolo. Sabe aquele negócio da seringa? Puxa o êmbolo? Eu lembro que foi um homem lá em casa, levou uma caixa deste tamanho e falou para ela, não se esqueça de puxar o êmbolo. E ela viajou. Sabe onde ela tinha ido? Em 48. Ela foi encontrar um monte de gente do PC em Mato Grosso e tinha alguém doente lá, e tinha que levar a recém-descoberta Penicilina que era dificílima de aplicar, tinha que puxar o êmbolo. Então, eu era criança e ouvi essa palavra, então, ela foi viajar, ficou 14 dias fora com todas as costuras atrasadas, aí a gente ficou sabendo mais tarde que o irmão dela era farmacêutico, comunista e estava na coluna Prestes. Era tudo muito louco. Você sabia que tinha alguma coisa errada, imagina, tinha acabado de ser descoberto esse grupo de comunistas que tinha lá em Mato Grosso e tinha alguém doente. Eles não contavam. Eles tinham as posições políticas e não falavam. Por isso agora vendo a minha ficha política no SNI que eu pedi, a primeira coisa que está marcada, eu tinha 18 anos. Eu tenho 76, faz tempo para caramba. Ele tem 18 anos, já tinha lá a minha marca, o meu endereço, o número do meu RG, da minha irmã também que é gêmea, etc. e tal. E eles faziam tudo escondido. O meu pai, eu lembro que quando o Getulio morreu, eles também foram para o Rio de Janeiro. Eu não entendi. A gente era pobre, não tinha nada, mas eles foram correndo para o Rio de Janeiro para o enterro do Getulio. Eles eram assim, getulistas. Então, isso era coisa de política e com 18 anos eu entrei para o IAPI, que é o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, e tinha comunista lá dentro que era uma coisa impressionante. Esses institutos de aposentadoria era um pedaço do Brasil. Tinha um monte de comunista. O Partido Comunista, todo mundo estava nesse todos nesses institutos de aposentadoria. Aí foi fácil. Uma força enorme. Aí foi fácil me integrar com eles, etc. e tal. Aí eu entrei para ciências sociais na USP e aí foi fácil. Depois na USP foi que eu conheci, aí já tinha, eu conheci a Ângela, o Eder Sader começou a frequentar a minha casa, eu era casada com um engenheiro da UNIVESP, nós começamos a fazer uma coisinha aqui e outra ali, e o engenheiro da UNIVESP tinha um negócio chamado OPP, que eu penso muito nessa OPP, organização para partidária. Essa chamava três quadros, de preferência operários, e dava cursos baseados naquelas apostilas que eram feitas ali no mimeógrafo a álcool e eu lembro que a Ângela escrevia umas coisas muito difíceis, e eu reclamava. Eu ia rodar e falava, essa palavra está muito difícil. Eu mal conhecia ela e me metia no texto dela. Mais tarde agora nos anos 2000 eu fiquei oito anos nos Sindicato dos Vidreiros fazendo o jornal deles, e me lembrei muito desses textos da OPP, era uma coisa assim, quem quisesse entrar para o Partido, primeiro tinha que passar por essa fase, eu não sei se os outros Partidos fizeram isso também, mas era muito interessante, muito mesmo. Grandes discussões. Eu lembro que uma dessas apostilas era sobre mais valia. E o meu ex-marido, como ele era engenheiro, ele fez um exemplo de mais valia. Ele pegou desde o primeiro parafuso até o valor, tudo. Ele fez exatamente uma forma de você explicar a mais valia. Era muito interessante. Vocês conhecem o Seicy? Ele ficou entusiasmado com essa fórmula, que mostrava que você está aí na máquina fazendo isso, e isso vale tanto, tanto, tanto. Do seu trabalho tem isso, isso e isso. Era uma maravilha, muito interessante. Outra coisa que eu quero deixar bem claro. No exílio eu convivi com muita gente que foi torturada, gente muito bacana, mas muitos jovens, é que o fato de você morar em um negocinho pequenininho, ser pobre, ter que se virar, ter que trabalhar, ir a pé para a escola, ter que ir até o Caetano de Campos e morava nas Perdizes, imagina, tinha que trabalhar e ir a pé porque não tinha para pagar ônibus. Então, tinha todas essas dificuldades de vida, mas vida inteligente. Era vida pobre, inteligente. Não é vida pobre ligada nessas coisas de televisão horrível. Não é isso. É vida pobre obrigada a ir na biblioteca Mario de Andrade.

Eu lembro que na Mario de Andrade eu conheci uma Professora que gostou muito de mim, era uma Professora de francês. Eu ia na casa dela, limpava tudo, ela me dava uma hora de aula de francês. Eu ia na cozinha, dava uma limpada, tudo. Eu sabia fazer essas coisas. Na casa da minha mãe era assim, era pobreza com estudos. Aqui no Brasil atualmente não é assim. Toda a minha capacidade, a minha atuação, a minha capacidade de fugir da polícia e ser tida como presa, eu acho que é essa a capacidade de desde 11 anos trabalhar. Em francês tem uma palavra incrível para isso que não tem em português, em francês uma pessoa que... Chama (ininteligível- termo em língua estrangeira.) muito usada em filme e em texto. É uma pessoa que se vira porque na hora do pega para capar, ela sabe sair fora. E a polícia era um horror. Polícia na minha casa eu já tinha tido a experiência, porque não pagava aluguel, era despejado, vinha polícia, entrava um, isso para mim não era nada. E como eu não caí, tinha um detalhe, essa minha capacidade de fazer as coisas rápido, de resolver, acabou que eu recebi umas atribuições do POC e também de outras organizações. De guardar fulano, guardar beltrano, onde põe esse, onde põe aquele, como é que arruma passaporte falso para sair do país. E outra coisa, dirigia, tinha carro. E na Bahia buscar não sei quem que está lá. Ir no Rio Grande do Sul buscar não sei quem que ia passar para o Uruguai. Eu comecei a ter contato com muita gente, e isso era muito perigoso, um absurdo, mas não tinha como dizer não. Estava uma pessoa em perigo e você ia dizer não, não vai ficar na casa de fulano? Eu utilizava todas as coisas que eu podia.

E eu tinha uma irmã, tenho ainda, e ela tinha uma escola e tinha muito amigo judeu, vocês não calculam como eles são ótimos para proteger as pessoas. Talvez por causa da história deles, então, eu tinha, vai ficar na casa de fulano, na casa de fulano, e isso aí me botou na cabeça que eu não podia ser presa em hipótese alguma, eu não podia ser presa porque eu conhecia, eu tinha essas tarefas que eu fui assumindo durante três, quatro anos, não é que eu fosse direção, ou que eu fosse importante, não era nada disso, era pior que isso. Era o fato de conhecer um monte de coisas. Teve os azares. Os meus filhos frequentavam grupo escolar suplementar cuja diretora era irmã do Paulo de Tarso Venceslau. Quando eu caí, eu nunca mais pude ver meus filhos, fiquei um ano sem ver porque nem pensar passar perto da escola deles. A polícia ficava o tempo inteiro lá atrás da irmã do Paulo de tarso, era uma coisa impressionante. Então, eu fiquei um ano sem ver meus filhos. Foi à coisa pior do exílio porque em cinco minutos eu me afastei deles e vou explicar porque eu não caí. O Silvio Tendler, aquele cineasta me entrevistou uma vez, ele era muito meu amigo, no Chile, e ele falou, grava aqui, como você conseguiu ir presa? Eu peguei e falei para ele, porque eu sou superinteligente e sapeca. Aí ele veio entrevistar a Dilma agora e ele perguntou, como você foi presa, mulher? Aí ela falou, porque eu sou superburra. Eu fui em um ponto, a pessoa não estava e eu voltei no ponto atrás. Aí ele morreu de rir e disse para ela, eu já tinha visto gente que fala que era inteligente. Aí você vem falar que está burra? Eu nunca iria no segundo ponto. E eu atribuo tudo isso a minha vivência de criança pobre que ia entregar vestido, entrava pela entrada de serviço da casa, ficava tremendo de medo que a pessoa não pagasse a costura e chegando em casa a mãe ia dar a maior bronca. Eu tinha medo daquelas pessoas, tudo ali Higienópolis, por ali. Eu tinha medo de ficar na cozinha daquelas pessoas, umas vivências muito malucas que faz a gente ficar esperta. E por isso eu não fui presa. A Aeronáutica cercou a fábrica da Olivetti em Guarulhos onde meu marido era um dos diretores, era engenheiro. Ele também de origem muito pobre, a mãe dele era telefonista e a irmã era manicure, sabe assim? Cercaram a Olivetti e para a cultura geral do Brasil, a Olivetti, 51% das ações da Olivetti pertenciam ao Partido Comunista Italiano. 20% pertenciam a funcionários da Olivetti que compraram ações, e o resto vendia. Então, o diretor da Olivetti do Brasil chamava-se Demarchi e ele passeava pela fábrica com uma medalha de ouro (ininteligível), ele era herói da resistência italiana. Ele andava assim. A polícia cercou a Olivetti e ele estava lá, graças a deus. Ele recebeu a polícia assim, o que é? O engenheiro Marcos não sei o que lá. Ele é engenheiro, mas ele não está aqui. Vocês deviam ter telefonado antes – ainda começou brincando. Aí chamou o chefe da polícia para ir para a sala dele, ofereceu café, a sala do Marcos era pegada, ele sabia que o Marcos estava lá dentro, ele falou, olha, ele está na sede da Olivetti na Rua Líbero Badaró, eu vou ligar para a Olivetti para segurar ele lá.

Ele mandou a polícia para a Líbero Badaró, a polícia foi, enquanto isso tiraram o Marcos de lá, eles me telefonaram, eu atendi o telefone, em menos de cinco minutos eu botei três crianças dentro do carro. A gente já tinha as malas, por exemplo, o mimeógrafo, a papelada era dentro de uma mala, os documentos da gente dentro de outra, as coisas da criança dentro de outra, tudo arrumadinho. Isso eu li em um livro francês, deixar tudo pronto para sair correndo. Botei dentro do carro e caí fora em cinco minutos. Porque em 20 minutos eles estavam lá. Eles foram na sede da Olivetti e não acharam o Marcos, e lá eles deram o endereço de casa. Em cinco minutos eu estava fora. Fui para a Editora Abril onde eu trabalhava, deixei as crianças depois com a companheira Irene Cardoso, ela não entendia absolutamente nada de política. Trabalhava na Editora Abril no D-DOC, era minha amiga, desceu o Roger (ininteligível), mas como eu tive essa ideia de viajar junto com os caras do congresso de passarinho, eles pegaram o passaporte e assim foi todo mundo para o avião. Foi a primeira vez que eu não tive medo de avião. Eu entrei, ria tanto, mas tanto, com a história do passarinho. Porque é fantástica essa história. E aí cheguei no Chile e aí é um horror. Quando você vê que está em outro país, que você não está no seu, que seus filhos estão no outro, é uma coisa, vocês não acreditam. Eu tinha o endereço de gente em Santiago, de pessoas que tinham até morado na minha casa que era o Manu e a Orivanda da Bahia, eles estavam no Chile já, eu tinha o endereço deles, quer dizer, isso não era problema, era pegar um ônibus e ir para a casa deles. Mas era um horror porque eu não via as minhas crianças. Eu vi só naqueles quatro minutos que eu botei dentro do carro. Depois eu não vi mais. Foram 10 meses sem ver. Eu não arriscava a ir marcar encontro e vê-las em algum lugar. Eu sei que elas estavam bem com a minha irmã, que tinha uma escola, a minha irmã é uma pedagoga maravilhosa, então elas estavam bem, mas mesmo assim quando eu cheguei no Chile à primeira coisa que eu fiz foi telefonar, e eu falei para a minha filha, aí que saudade, e ela disse, Ih mãe, vai dar bode. Porque eu também estou com saudade. Como é que vai fazer? Coitadinha, ela era um amor. Eles sofreram muito com esse ano de ausência, porque estava tudo certinho e foi um negócio assim... Quem conheceu bem eles como criança foi a Liane que deu depoimento aqui, que morou um ano na minha casa e ela cuidava muito deles, gostavam muito deles. Eu tenho histórias fantásticas das pessoas que conviveram com eles, depois as pessoas iam embora e eles ficavam com muita saudade.

Aquele rapaz que agora saiu um livro dele ‘Ele passou por aqui’, Carlos Alberto, ele ficou muito tempo na minha casa porque ele teve problemas, se deslocou da POLOP, ele ficou na minha casa, e eu não sabia o nome dele e nem nada. Mas ele era uma pessoa tão doce, tão maravilhosa que ele falou, a sua filha está mal cuidada, você só corre, você não faz uma comida gostosa para ela, você não conta uma história, que horror. Aí ele assumiu isso. Como ele não podia sair na rua, ele fazia comidinha para ela. Ela engordou, ele me amolou até que eu levei ela no médico para operar a garganta porque ela tinha um foco aqui, ele cuidou dela, e olha que coisa linda. Aí quando ele foi embora, depois de três meses ele foi embora e esqueceu o sapato dele lá. Ela pegava o sapato dele, abraçava e falava assim, o sapato do titio, e ela já tinha engordado. Olha que coisa bonita de relacionamento. Eu não me sinto muito vítima da ditadura. Da ditadura não porque eu conheci pessoas maravilhosas. Ele foi ótimo, depois eu nunca mais o vi, depois eu soube que ele estava desaparecido, mas ele foi muito importante na vida dos meus filhos. Ele começou a ensinar meu filho a ler. Meu filho tinha seis anos e ele começou a ensinar meu filho a ler. Ele era maravilhoso. E agora conversando com as pessoas que conheceram ele, dizem que ele era uma pessoa muito doce, e tudo isso aí. E eu já expliquei porque eu não fui presa, então eu não fui torturada.

Aí eu fui para o exílio, e é um horror. Exílio é um horror. Eu já li tudo que escreveram sobre exílio. Gregos, troianos, americanos, todos. Eu acho que exílio é um horror. Porque a vida vai acontecendo, você vai ter que enfrentar aquela vida lá, e ao mesmo tempo não é a sua vida lá. Você não tem futuro, não tem passado, o passado ficou lá. O futuro, você não tem nenhum. O presente é sempre quebra galho. Você faz uma coisa para quebrar um galho, você faz outra coisa lá. Eu tive sorte porque eu fazia muita tradução, no Chile eu fazia muita tradução, mandava para o Brasil., mas na França foi um horror. Eu fiquei nove anos fora do Brasil, à cabeça fica dividida, parece que você tem a sensação de que a cabeça fica dividida. Aqui tem onde você está vivendo. E aqui tem outras coisas. Tem louco que tem isso, mas eu perguntei para várias pessoas que estão no exílio essa síndrome da cabeça dividida, um monte de gente tem. É impressionante. Depois que eu voltei lá agora para ver a minha filha, eu fiz assim, a cabeça estava inteira, era uma coisa impressionante. E tem sacanagens que o Brasil fez com quem estava exilado, sacanagens terríveis. Por causa do meu pai, do curso clássico que eu fiz no Caetano de Campos, eu falava francês. Eu cheguei da França e eu já estava há cinco anos lá e falava correntemente francês, palavrão, tudo. Eu estava no meu trabalho que era na FEBEM e eu tive uma hemorragia, uma hemorragia enorme. E aí lá tinha ambulância e me levaram para um grande hospital em Paris, um ótimo hospital. Dia 11 de novembro de 76 no dia 16 de novembro de 76 ia ser votado na França o direito ao aborto. Dentro dos hospitais a briga estava assim, quem era a favor do aborto trabalhava em um dia, a equipe que era contra trabalhava em outro dia, a que era a favor, trabalhava no outro dia. Eu caí morrendo com uma hemorragia, em choque, dia 11 de novembro que é o dia do fim da guerra, semiferiado, na equipe que era contra aborto. Até aí tudo bem, eu sabia francês. Em francês, aborto espontâneo que nem era o meu, era falso parto. Eu tinha que ter chegado lá, e ter falado, é um aborto espontâneo. Tudo bem, eu cheguei à equipe contra o aborto e falei, é aborto criminoso provocado. Quando eu falei isso, sabe o que os caras fizeram? Me deixaram abandonada lá com o sangue, e completamente abandonada. Não falaram comigo, não fizeram minha ficha, nada. Como uma pessoa que provocou o aborto vai cair na equipe contra o aborto? Que fique para amanha que tem os favoráveis ao aborto. Mas nisso eu estava morrendo. Durante a noite chegou uma enfermeira mais ou menos e eu pedi para ela pegar na minha bolsa minha agenda, e ela ligou para mim para a médica que eu ia, que a Ângela tinha me indicado, que era a irmã do Crivini, uma Sra. maravilhosa. A enfermeira falou com ela, falou o que eu estava tomando e a médica ficou furiosa. Imagine, ela não fez aborto. É falso parto. Aí a enfermeira foi lá falar para a equipe. Não, a Dra. Crivini quer falar com vocês. Aí um cara da equipe ficou morrendo de vergonha. Eu não sei o que ela falou, uma hora da madrugada veio todo mundo lá, você não é portuguesa? E eu falei, não sou portuguesa, vou brasileira. Mas como, brasileira usando serviço do Sistema Único de Saúde? E eu falei, sou refugiada política. Eles não tinham pego meu documento ainda. Eles pegaram documento a uma e meia da manhã. Eu tinha chegado lá as nove da manha. Eles viram que eu era refugiada política e eles ficaram com o c\* na mão. Ficaram apavorados porque a Crivini deu uma bronca, falou que de manha ia lá. E aí eu fui para a cirurgia. Eu fiquei com tanto ódio da ditadura nesse dia, mas com tanto ódio. Primeiro porque eu pensava que aqui no Brasil devia acontecer mil coisas com mulheres desse tipo ou pior. A primeira coisa que eu pensei, no Brasil não tem aborto, no Brasil deve ser pior que aqui. E eu estava passando tudo àquilo porque eu estava lá. Porque eu tinha falado uma palavra errada, o cara me deu um safanão. Porque você falou que estava com aborto criminoso ao invés de falar que era falso parto? Sua idiota. Portuguesa. E eu falei, eu não sou portuguesa.

Quando eles viram que eu era refugiada, eles ficaram apavorados. A cirurgia foi feita às três horas da manha, já estava lá dormindo, e a Dra. chega e aí já estava à equipe que era a favor do aborto. Isso a ditadura me deve, porque foi um terror. E tem um detalhe, não foi só isso não.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Vamos fazer uma cronologia, quando você chegou lá?

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** Depois do golpe do Chile. Primeiro eu passei pelo Chile e depois, em 73 eu fui para a França.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Você estava como refugiada no Chile, aí você foi para França. Você ficou quanto tempo no Chile e quanto tempo na França?

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** Fiquei dois anos e meio no Chile e até 79, até a anistia na França.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** E quais as atividades políticas que você teve no período com relação ao Brasil? Você estava organizada?

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** Era diferente. O Toshio, eu, o Zé Luizão, Ibrahim, o Frate, meu querido Frate. A gente organizou o negócio da oposição sindical aqui no Brasil. e fizemos isso. Nós íamos voltar para cá e cair na oposição, inclusive quem foi lá? Tinha gente daqui de são Bernardo que ia lá encontrar com a gente. Tinha mais gente. Organizamos um negócio de pegar dinheiro com os sindicatos para trazer para cá, para montar oposições aqui. Tanto que em 80 eu já estava na oposição metalúrgica com o Valdemar Rossi, com o Neto, com um monte de coisa. Até tirar todos os pelegos de todos os sindicatos que tinham no Brasil, eu fiquei viajando o Brasil inteiro e trabalhando nas eleições, mesária, apuração, eu e o Toshio. Foi isso aí. Agora, na França eu tive uma oportunidade muito bonita em termos de companheiros. Sabe o Cabo Mariane? Ele nunca tinha trabalhado na vida. Tinha sido Cabo Militar. Trabalho, trabalho ele nunca tinha tido. Pois não é que eu arranjei um emprego para ele? Ele queria me matar. Eu trabalhava, fiz um ano de formação, fiz um concurso dificílimo, passei para ser educadora no que corresponde a FEBEM de lá. A seleção é incrível. E aí tinha uma outra residência de ex-presos comuns que tinham liberdade provisória e moravam nesse centro de reeducação, eles estavam precisando de uma pessoa urgente para trabalhar. Aí eu pensei no Mariane. Acontece que o Mariane não tinha nível universitário, falava mau francês para caramba, mas como fazia um ano que eu estava trabalhando com a equipe da comunidade terapêutica lá e eles gostavam muito de mim, eu ofereci o Mariane para trabalhar lá e tinha fama já. (ininteligível) a gente tem que agradecer, obrigado ditadura, nós criamos um bando de gente muito bacana, amizades muito bacanas, e eu penso assim, o preso comum cria suas amizades também dentro da cadeia de preso comum, e ele nunca se esquece da tortura que ele recebe. Ele nunca vai se recuperar. Ele sempre vai ser amigo daqueles presos que estão com ele, que apanham e etc. e tal.

Agora, eu queria falar um pouco dos meus filhos, mas eu não aguento. Tem um texto que ela escreveu aqui, deus me livre, eu não consigo ler. Eles estão bem, mas eles sofreram muito, muito, muito. Eles viram quando eu fui presa na Espanha, a minha filha diz que foi a pior coisa que ela passou na vida. Nem quando ela foi operada, nem quando ela foi atropelada. E a Patrícia Rabelo, a filha do Zé Maria Rabelo que estava comigo, ela é bem mais velha que a minha filha, mas ela é até hoje uma pessoa frágil. Ela ficou muito abalada, ela gritava muito. Ela gritava para eu voltar. Ela ficou muito, muito abalada. Quando nós chegamos à França nós levamos ela ao psicólogo, ele deu um remedinho para dormir. Para a Patrícia foi um horror. Quando pediram anistia, os sete irmãos, a Rita me disse que ela falou disso, ela já está com 40 anos. E ela falou que a pior coisa foi quando ela ficou sozinha no trem. Porque ela se viu sozinha no trem. Ela tinha 10, 11 anos. E foi muito ruim para ela. Nossa senhora, uma coisa terrível.

E assim, eu fui muito maluca, eu trabalhei muito. Eu acho que eu trabalhava demais. Eu tinha contato com os brasileiros porque eu trabalhava das seis da tarde as seis da manha. Eu fazia a noite porque a noite se ganhava o dobro do que ganhava de dia, então, de tarde dava para eu ir tomar um cafezinho na Casa de um, ir à casa do Brasil porque a Ana trabalhava no café da Casa do Brasil, eu ia muito à Livraria Brasileira pegar jornal do Brasil, porque você lia sem comprar, não precisava gastar dinheiro. Você chegava lá e lia. E até ás vezes eu trabalhei um pouquinho lá, era muito bom. Agora, essa cirurgia que eu fiz de emergência lá, eu fiquei 27 dias internada, tal a gravidade do meu estado. A perda de sangue foi tão violenta, que saí de lá pesando 37 quilos. Quer dizer, porque eu errei uma palavra, eu quase morri. Dá para entender o que foi o exílio? Eu errei uma palavra... Mas muito azar também, podia ter caído no dia da equipe que era a favor do aborto. Cai no dia que era feriado, e ainda com a equipe que era contra. Foi muito azar. Eu saí com 37 quilos, fiquei muito magrinha, eu tive dois meses de licença do meu trabalho, eles foram muito bacanas, eram umas freiras maravilhosas. E trabalhar também com essas meninas na FEBEM era um aporte afetivo muito grande, porque no exílio você fica zerada, a vida afetiva fica zerada. Eu não acredito em gente equilibrada no exílio. Não existe isso. Zera. É saudade da mãe, do pai, do irmão, do namorado, do patrão, de tudo. De comida. É um negócio impressionante. Você pegava metade do seu salário para comprar dois abacates. Era um negócio maluco. Mas trabalhar com essas meninas, elas eram casos sociais, eram crianças problemas que estavam em tratamento psiquiátrico, psicológico, sob guarda dos familiares, eram de menores, e a gente se identificava. Foi o caso do Mariane também, ele se identificou com um ex-preso e a gente se identificava com essas meninas e era muito legal.

Em relação a convívio, vou fechar com uma coisa bonita, três anos seguidos na França o Toshio, o Zé Ibrahim, o Luizão, o Frate organizavam fim de anos na minha casa lá na cidadezinha que eu morava. Vinham mais de 50 brasileiros que sambavam até o dia seguinte. E ficavam sexta, sábado, domingo, ficavam três dias lá. A gente pedia autorização para a polícia para poder fazer barulho no prédio. O prédio deixava a gente fazer barulho. Chegou um ano que eu fui no Juizado de Menores pedir autorização para eu levar três meninas na minha festa. Os exilados que estavam na Suécia vinham passar o fim de ano na minha casa com a gente. Essa foi a capacidade de organização do Toshio, que até hoje ele tem. Quando ele quer juntar gente, cuidado com ele que ele junta. Ele e o Frate, juntaram todo esse pessoal lá três anos seguidos, teve festa com gente que vinha de Portugal, da Suécia, da Bélgica, muita gente vinha na nossa festa de fim de ano que era carnaval a noite inteira. Sabe o Celso Ming? O que é Secretário lá no Rio de Janeiro? A mãe dele, ele é filho único, a mãe dele mandava caixa de doces, brigadeiro, de doces para essa festa. Teve um ano que mandou 12 camisas do flamengo para ele montar um time do flamengo para ir na festa com um time do flamengo. Era uma loucura. Era tudo ligado com o Brasil. A música era brasileira, a comida era brasileira. Quem contribuía também de tocar música, botar música, sambar, era o Gabeira. Como ele não era muito próximo dos organizadores, ele ficava perto do som tocando músicas.

Exílio era um castigo. Eu não consegui estudar; o Toshio estudou, fez doutorado e tudo porque ele tinha um tipo de trabalho que permitia. Eu, não dava. Eu trabalhei cinco anos na França, FEBEM, eu chegava morta. Mas eu li tudo que podia ler na vida. Eu tenho ódio de ditadura, qualquer coisa que lembre a ditadura é um negócio tão forte, é impressionante. Ontem eu perdi o meu rebolado. As polícias militares são os braços armados da ditadura, e isso tem que ser denunciado. Tchau, gente.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Obrigado, Celeste.

Ieda. Vamos lá.

**A SRA. IEDA REIS –** Gente, eu quero pedir desculpas a vocês por não ter vindo preparada para fazer esse tipo de depoimento. Na verdade, eu não entendi direito o convite que me foi feito, então, eu vim muito mais até com uma relação de fatos referentes à Celeste, a família da Ana, as perseguições sofridas por essas famílias do que para falar da minha situação. Então, eu vou fazer um relato rápido. Eu peço que vocês me desculpem as minhas falhas que vão acontecer, então, eu já antecipo a situação. Meu nome é Ieda dos Reis, eu nasci em Araçatuba, interior do Estado de São Paulo, uma cidade que foi bastante afetada pela perseguição da ditadura. Como havia uma efervescência política muito grande, muitos jovens, estudantes, operários, Partido Comunista que era organizado na região, essa efervescência acabou desembocando em todos os movimentos contra a ditadura que aconteceram no país, não só as organizações armadas, mas todo tipo de resistência que foi feito.

A situação começa a se complicar quando em 1969 no final de janeiro parte da minha família foi denunciada, meu ex-marido, meu cunhado e mais o Otacílio e mais pessoas da família foram presas em Paranaíba onde meu sogro tinha fazenda, e foi enviado um caminhão tanque que levaram os militares na cidade e eles caíram pela denúncia do Hermes Camargo Batista cujo depoimento cada vez que eu leio na documentação do Dops, é um roteiro perfeito de um trabalho planejado de infiltração. Eu não posso fazer essa denúncia, ele está morto, eu nunca o conheci, mas ao ler aquele roteiro eu penso, porque ele começa como, introdução, explanação do assunto e conclusão. Infelizmente isso levou a queda de muita gente da VPR. E eu fui denunciada no mesmo depoimento em que ele denunciou não só a família Chaves, mas denunciou todos os outros militantes, até quem não tinha vinculação partidária em Araçatuba, e foi realmente um estrado. Essa denúncia, a partir disso aí eu estava em São Paulo quando aconteceu isso, e eu fui presa no apartamento do meu cunhado, e eu fui tratar detalhes com ele, saber o que tinha acontecido, como ele estava. E o pessoal me pegou no Dops e me levou para a Polícia do Exército, me perguntavam o que eu estava fazendo, ele morava em um apartamentinho da residência médica do HC e me levaram para a Polícia do Exército da Barão de Mesquita quando eu fui confrontada com alguns companheiros. Eu não conhecia o Hermes, a única pessoa que eu reconheci no meio dos homens que me apresentaram foi o Zé Ibrahim. E mas eu não reconhecendo, me levaram para o Dops. No Dops eu tive uma conversa com uma pessoa que eu conhecia. Ele tinha sido delegado de Araçatuba em 64, Dr. Vanderico que talvez muitos de vocês tenham conhecido. E aí o Dr. Vanderico, você é de Araçatuba, então você é a mulher dele? O que você estava fazendo lá? E eu falei, eu quero saber do meu marido, eu quero notícia dele porque eu tenho um filho para criar e eu quero saber como fica agora. Ele não está pagando pensão, saí com essa conversa. Aí ele me liberou, porque ele conhecia minha família, conhecia meu sogro, todo mundo. E ele me perguntou, onde você está morando? Eu estou morando aqui em São Paulo na casa da minha irmã. Essa minha irmã era casada com um espanhol que vivia de forma clandestina, não havia refúgio político para espanhol no Brasil. o espanhol que participou da guerra civil, participou da 2ª Guerra Mundial no Marques Frances e ele com a minha irmã moravam no bairro do Jabaquara. Eu estava na casa deles. Aí eu cheguei, encontrei na rua e falei, olha, vai ferver. Aí vocês se preparem, diga que não me conhecem, que não sabem onde eu estou, que eu só dou trabalho, que eu sou uma encrenca na vida de vocês, mas não se vinculem a mim por favor. E aí começou a perseguição a minha família. Esse meu cunhado Gabriel e a minha irmã tiveram a casa invadida. Ele foi levado para o Dops, ficou a madrugada inteira prestando depoimento, mas foi liberado. Depois a casa dele ficou sob vigilância durante um bom tempo. Morava lá perto do Jabaquara e foram alguns anos, até pelo menos um certo tempo depois de eu sair do Brasil, ficaram vigiados. Foram também procurar uma outra irmã minha que trabalhava em São Paulo e morava na zona leste, e trabalhava na Praça da Bandeira. Foram ao escritório onde ela trabalhava e avisaram ela de uma maneira tão brutal que isso teve uma consequência muito séria para ela. Falaram assim, nós viemos te buscar aqui para reconhecer o cadáver da sua irmã. Nisso ela foi levada para o Dops também, passou uma tarde inteira lá, voltou para casa durante a noite e sofreu um aborto. O impacto emocional foi tão forte que ela sentia tantas contrações no corpo que passou por isso. E teve a vida dela também bastante vigiada. A outra irmã, Teresa dos Reis que era Professora na cidade de Murutinga, ela foi presa em Murutinga porque um agente policial de Araçatuba disse que ela era eu, então, ela teve que provar que ela não era eu. Ela foi presa lá em Murutinga, que são uns 90 quilômetros até Araçatuba, foi um comboio de carros policiais e botaram ela em um taxi. Ela não veio no carro policial, ela veio no taxi junto com o policial. Ficou um dia inteiro dando depoimentos para provar que ela não era eu, e também teve a vida e a casa dela vigiadas. Meu irmão mais novo, o Henrique, esse daí também teve a vida bastante afetada, porque até os dois primeiros anos da faculdade de medicina, ele foi vigiado dentro da faculdade. Meus pais tiveram a casa vigiada durante todos os anos em que eu estive na clandestinidade e no exílio. Quando eu saí, quando eu, deixa eu ver porque eu já estou me perdendo. A partir de fevereiro de 69 eu não tive mais chance de voltar para a casa, então, vivi clandestinamente e o meu trabalho junto à VPR era de criar estrutura de apoio para as pessoas que estavam sendo perseguidas, para os militantes que precisavam de carros, aparelhos, documentação, e passei a fazer esse trabalho. Daí eu em setembro, não, no meio do ano a minha situação já tinha ficado periclitante por causa das perseguições a minha família, e a organização decide me trazer para o Rio de Janeiro onde não tinha vínculos e poderia sobreviver mais um tempo, porque a vida de clandestinidade era de curta durabilidade. Então, no Rio de Janeiro eu fui presa em abril de 70 quando houve uma queda generalizada na VPR. Quando Juarez de Brito teve aquele confronto em que ele se suicidou e foram presos o Lungaretti e uma série de outras pessoas. Ao Lungaretti eu tenho uma referência especial a fazer, porque ele foi uma pessoa que participou das minhas sessões de tortura, era incitado sempre pelos policiais a me dar o choque.

Ele participava das sessões de tortura de vários outros companheiros. Normalmente eram homens. Quando eles põem uma mulher dentro da (ininteligível) era só uma para ser bem humilhada diante de todo mundo. Dos torturadores que eu me lembro do Rio de Janeiro, mais o agente Timóteo que é um monstro sanguinário e o capitão Guimarães, eu não lembro o nome dele. Acho que era Guimarães, que era também um dos chefes do DOI-CODI da Barão de Mesquita, eu fui presa em 14 de abril e passei por um período de torturas, solitária, violência. E depois eu fui transferida uma semana antes de acontecer o sequestro do Embaixador alemão tinha sido transferido para o Dops.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Dops São Paulo?

**A SRA. IEDA REIS –** Dops Rio de Janeiro, que era gerido...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** O Lungaretti estava lá no Rio de Janeiro ou estava aqui em São Paulo?

**A SRA. IEDA REIS –** O Lungaretti foi transportado para vários lugares. Ele tanto fez estrago lá quanto aqui em São Paulo. Eu faço questão de dizer aqui que ele era uma pessoa totalmente fragilizada, ele apresentava ataques epiléticos, era uma pessoa totalmente descontrolada, ele possuía um acentuado descontrole psicomotor. Ele não conseguia nem segurar as coisas. Então, ele foi uma pessoa doente que foi levada aos extremos que aconteceu na vida dele. Então, eu fui presa no Rio de Janeiro, passei esse período até junho quando aconteceu o sequestro do Embaixador alemão e o meu nome foi colocado na lista e nós fomos levados para a Argélia.

Essa história do dedinho foi engraçada porque nós tivemos na base aérea do Galeão e tivemos um longo tempo porque os presos foram trazidos aos poucos, e aí na hora que, eles falaram, vocês vão ter que ficar aqui em organização para tirar uma fotografia. Isso é uma exigência. E a gente já sabia que era uma exigência, que as notícias chegaram. Baixa esses braços, seus não sei o que, aí a gente baixava os braços. Aí quando (ininteligível) dólares, porque eu não tinha mil dólares para ver meu filho. Eu fiquei de 1969 a 1979 sem ver meu filho. Então, isso foi uma coisa que marcou muito a minha vida, marcou a vida dele até hoje com sequelas, que é difícil você passar uma borracha em cima disso. Mas a vida continua e o que importa é você estar conseguindo manter a dignidade, a autonomia, independência de pensar, optar, decidir tudo sobre nossa vida apesar dessa violência que foi perpetrada contra nós e contra as nossas famílias. Na verdade eu vim aqui também porque eu não estou habituada com as sessões daqui. Eu frequento mais a municipal porque não dá tempo e eu estou com muito problema de saúde. Mas eu falei assim, se a Ana vai depor, eu se tiver oportunidade, eu quero falar da família da Ana porque foi outra família que sofreu uma violência enorme, e as consequências que eles enfrentaram também foi marcante para a vida das pessoas.

Deixa eu ver se esqueci alguma coisa.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Deixa eu te perguntar uma coisa, quando da queda de vocês, aquela queda grande da VPR, foi nesse período que caiu o Roberto Baccarini, amigo do Celso Lungaretti caiu nesse período? Lembra disso?

**A SRA. IEDA REIS –** Não. Esse eu não conheci. Eu sei que caiu o Juarez que se suicidou, a Maria do Carmo, o Major Cerveira, estava lá na cadeia aquele que era o infiltrado que foi denunciado recentemente, no ano passado ou ano retrasado pela revista Época, que tinha o codinome de Luciano que era um infiltrado, ele infiltrou pela ALN, o Wellington Moreira Diniz, o Lungaretti, e também fui torturada, não sabia nem que tinha sido presa com o Roberto Gordo, o Ronaldo Lira Tavares, e as pessoas do Rio de Janeiro que eu praticamente não conhecia, porque conhecia mais pessoas de São Paulo e esses que eu estou falando que conhecia de lá.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** E quando você foi para a Suécia, você foi no mesmo voo com o Bernardino Figueiredo e com a esposa?

**A SRA. IEDA REIS –** Não. Eu não cheguei a ir para a Suécia.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Você parou no Panamá?

**A SRA. IEDA REIS –** Eu fui para o asilo, aí da Espanha me mandaram para a Bélgica e eu pedi asilo na Bélgica, não fui para a Suécia. Eu guardei o bilhete da passagem até se quisesse dar um passeio. Uma das coisas que eu acho que são significativas, é o poder destrutivo da ação repressora sobre as pessoas, ele não fica só na pessoa, afeta toda a família. E pelo fato de eu ter toda essa dificuldade de comunicação, a minha correspondência era censurada. Eu tinha amigos que triangulavam a correspondência de um país para o outro, gente legal, gente do Brasil que as cartas chegavam na minha casa, mas de vez em quando eu mandava para a censura, e minha mãe guardou essas cartas. São muito engraçadas, porque prova mesmo o quanto eles violavam até o mais fundo da intimidade da vida familiar das pessoas. E isso acaba afetando a gente na reorganização da vida. O exílio não é fácil. Mesmo para quem tinha uma família mais abastada, tinha condições de viver bem, sofreu também as consequências da solidão e da frustração. Para quem não tinha como eu, que tinha que trabalhar para sobreviver no dia a dia, todas as oportunidades de frequentar uma universidade para ter um futuro profissional, não se realizavam porque o nível de bloqueios sentia e impedia de progredir na vida, até quando estava em Portugal no final de 78, eu achei que ia enlouquecer e comecei a escrever para o Brasil para tudo quanto era advogado, e tinha a equipe de advogados, o Airton, Soares, Pivetta, que foram lá discutir com a gente como estava o movimento pela anistia no Brasil. e aí eu sabendo que não havia mais o risco de prisão e tortura, que eu podia responder em liberdade tanto o processo de São Paulo como da Marinha no Rio de Janeiro como no Exército no Rio de Janeiro , aí eu vim, voltei e respondi os processos em liberdade, porque eu estava completamente desestruturada; agora, voltar antes da promulgação da Lei de Anistia foi um passo penoso, porque a gente parecia leproso, ninguém queria chegar perto. Daí a grande dificuldade de reinserção na sociedade. Como eu perdi a possibilidade também de me qualificar profissionalmente e do ponto de vista acadêmico, eu tive que começar a minha vida, prestar vestibular, fazer faculdade, começar tudo de novo. Prestamos vestibular juntos em 80, e passamos as duas. Aí ela não foi fazer o curso, mas eu fiz. Aí me dediquei ao magistério e o meu trabalho desde o meu retorno ao Brasil sempre foi na área da educação. Eu trabalhei no ensino fundamental um e dois, educação de jovens e adultos e direção de creche. Conheci a Amelinha que era uma batalhadora do movimento de luta por creche na época. Trabalhamos na mesma regional lá em Santo Amaro. E então o meu trabalho sempre foi voltado para a educação porque eu não me sentia em condições pessoais de ter uma vida política partidária organizada. A minha opção foi de fazer da sala de aula o meu espaço de trabalho que foi o que eu fiz até dois anos atrás. Agora eu estou aposentada.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** E o seu filho?

**A SRA. IEDA REIS –** O meu filho. O pai, preso e exilado. A mãe presa e exilada, os tios presos e exilados, a família dos avós paternos vigiada, a família dos avós maternos vigiada. Ele cresceu em um clima de medo. E ele mesmo foi vigiado tanto que ele era acompanhado diretamente na escola até o ensino fundamental porque ele já tinha sido abordado na rua várias vezes por homens porque a escola era muito próxima de casa, a minha família tomou a decisão de não, ele viveu sob a hedge do medo. E da insegurança, e da desconfiança. Isso afetou muito a ele como pessoa, como homem que luta bravamente para superar todos os traumas. Quando eu voltei ele já era um adolescente. Tivemos que construir uma relação que existia somente no meu coração e nas lembrancinhas que a minha família colocava na cabeça dele, porque nós éramos estranhos e não somente por que houve dificuldades da minha família ter se encontrado, porque a repressão realmente fez de tudo para impedir que houvesse esse encontro. E eu estou nessa luta de construir essa relação porque felizmente vai dentro dos limites da normalidade, com todos os limites que as pessoas têm, mas deixou o meu filho extremamente recalcado a ponto de não querer saber de participação política. Eu tenho um certo público (ininteligível) e que felizmente um aos 19 e outro aos 13 anos, já estão trabalhando e estudando. E a gente consegue superar essas dificuldades porque a violência que nós sofremos não foi uma violência casual. A violência foi instituída na colônia, foi terrível na escravidão, a violência foi violenta no Império. Nossa, que coisa feia. A violência foi muito forte no Império com massacre a todos os movimentos autonomistas, movimentos de independência. A violência se instaurou também na República. Nós não tivemos exercício de vida republicana no nosso país. Muito pouco, aquele pequeno intervalo que foi intervalo da minha juventude, período de Juscelino e Jango que foi um período em que o povo conseguiu soltar um pouco daquele grito que estava calado na garganta de todo mundo desde que esse país existe, e esse período marcou profundamente as pessoas, e essa geração continua lutando até hoje. Mas infelizmente nós temos ainda forças reacionárias arraigadas ao poder, nós não temos tido a capacidade ainda, mas os movimentos sociais estão se organizando. E eu estou achando muito, muito importante esse movimento político que nós estamos vivendo, em que o povo está começando a entender que tem o direito a falar, e a discordar, mesmo com toda a repressão policial que acontece. Ainda hoje, eu não gosto de falar de tortura porque eu já morei muitas vezes perto de delegacia e quartel, e os gritos de tortura são uma constante nas delegacias de polícia. Até nos próprios quartéis e os próprios militares exercem um poder de repressão nas suas tropas por meio do desrespeito e da humilhação, seja nas tropas de convocação de serviço militar ou nas tropas regulares. Então, eu acho que o nosso papel hoje é denunciar a violência da ditadura e criar uma perspectiva para que nós possamos ter o direito do cidadão brasileiro respeitado. Eu acho que é só isso.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Preciso fazer essa pergunta. E o seu companheiro, você reencontrou ele?

**A SRA. IEDA REIS –** Eu já era separada do meu ex-marido e depois, quando eu saí, um pouco antes de eu ser presa eu conheci um outro companheiro com quem eu me juntei. Isso foi em 69; vivemos juntos até 73, de 74 em diante eu sempre vivi sozinha. E uma das coisas que eu acho importante dizer é que a mulher sozinha no exílio tem uma condição diferenciada, porque infelizmente o machismo predominante no exílio fez com que muitas de nós não tivéssemos espaço, não tivéssemos o devido respeito na esfera política por ser mulher sozinha. Poucas pessoas, casos extraordinários como o da Zuleica Alambert que já era uma militante histórica e de outras mulheres que já tinham o seu espaço político garantido. Agora, a frangaiada como a gente era ainda não. Foi realmente um fator de limitação e de um engajamento político maior fora do Brasil.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Muito obrigado. Vamos lá. Fala seu nome, se apresenta.

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Meu nome é Ana Maria Gomes. Nasci em Tatuí, interior de São Paulo, e fui criada em Osasco, que é uma cidade que as pessoas normalmente conhecem por causa da greve. Quero dizer que eu falo aqui não só em meu nome, mas eu falo também em nome do meu irmão, Osni Geraldo Gomes que não pode estar aqui dando depoimento, que em alguns aspectos eu considero muito mais importante que o meu, mas tenho autorização dele, recebi hoje de manha algumas palavras lindas dele, que a Celeste leu.

Eu acho importante situar quem nós somos, social e historicamente. Porque as nossas opções são frutos disso, e nossas reações e nossos engajamentos. São frutos disso. Então, eu sou filha de uma mulher que aos sete anos de idade estava colhendo café como trabalhadora rural. Aos 14 anos como aconteceu com muita gente nesse país, a minha mãe, minha avó se transladam para uma cidade do interior justamente na cidade onde eu nasci para serem operárias têxteis. Meu pai era filho de um pequeno proprietário, ele e os irmãos trabalhavam na roça e na medida em que a família vai aumentando, isso se torna impossível o sustento naquela pequena propriedade. Então, meus pais depois de casados vão para São Paulo. Eu tinha dois anos de idade. Meu irmão, o Osni já era nascido também. Ele tinha seis meses de idade. Lá o meu pai começa carregando saco, a minha mãe costurando em casa para confecções por causa das crianças, e o meu pai de carregador de sacos, ele ascende a motorista de caminhão. Maneira pela qual ele criou os quatro filhos, porque nós somos quatro. E os dois mais novos existe uma diferença bem grande. E por isso aos sete anos de idade já estava lavando fraldas, fazendo mamadeiras, já estava partilhando com minha mãe os trabalhos domésticos. Isso não é uma realidade minha, mas é uma realidade das famílias pobres. As mães partilham os trabalhos domésticos com as filhas mais velhas. E bom, quando eu faço 11 anos de idade a minha mãe volta à fábrica só que dessa vez ela não era tão jovem, ela vai ser faxineira, e quando eu completo 14 anos, eu troco de lugar com ela. Ela vai cuidar dos mais novos que era tarefa minha até então, eu praticamente dos 11 aos 14 criei os meus irmãos, e aos 14 eu também vou para a fábrica. Nessa fábrica é que eu começo a ter consciência das desigualdades. Não das desigualdades, porque em uma família pobre você já começa a ter consciência de que as coisas estão erradas. De que as coisas não são muito justas. Mas em 66 e 67 eu trabalhava na Osram, uma fábrica de lâmpadas. Eu trabalhava na fábrica durante o dia e a noite eu era secundarista. Em 66 e 67 essa era a realidade de muitos jovens de Osasco. Não era uma realidade particular minha ou do meu irmão. Ela era realidade de muitos outros jovens. Do Stan, Roque, Ibrahim recém-falecido, Barreto, muita gente. E nesse momento já havia um descontentamento, jovens que começavam a se organizar, que começavam a discutir e eu e meus irmãos nos unimos a esse grupo, que mais tarde vai ser chamado de grupo de Osasco, que mais tarde vai fazer parte da organização da VPR. Aqui já deve ter sido dito como é que essas organizações todas se formaram. E bom, então eu era do grupo de Osasco. Nós participamos junto com os outros companheiros da organização e da eclosão de Osasco. A greve foi, já deve ter sido dito aqui, foi barbaramente, ainda para aquele momento, reprimida. A cidade foi tomada pelo Exército, o Barreto e vários outros companheiros são presos e os outros são perseguidos. Meu irmão que tinha liderado a greve junto com Manoel Dias do Nascimento na Lonaflex, passa a ser procurados, eu, minha fábrica não entrou em greve por ser uma fábrica de mulheres, então não se centrava tanto o trabalho lá, e também as mulheres mais tímidas. Eu participei da greve e quando o sindicato foi invadido, eu estava dentro do sindicato. Eu fui uma das três mulheres presas na greve de Osasco.

Ficamos dentro do Dops e as coisas ainda eram bastante suaves entre aspas. E nós fomos depois de um dia inteiro sem comer no Dops, nós fomos despedidas com um conselho, e aí é muito interessante, como a gente vê a ditadura, ela não era só repressão, ela não era só em cima do arrocho salarial e todas essas coisas. A ditadura era a repressão de valores. De valores conservadores. Então, como nós fomos despedidas, as três mulheres? Vocês são mulheres, jovens e vocês querem casar como todas as mulheres. E se vocês ficam aí frequentando sindicatos e no meio dessa gente vocês vão acabar não casando, não conseguindo marido para casar. E isso a gente vai ver durante todo esse processo. A diferença que era tratado. Ás vezes a gente até se aproveitava disso, mas era a reafirmação desses valores. Então, a minha casa é cercada porque estavam atrás do meu irmão e toda a liderança do movimento é obrigado a entrar para a clandestinidade. Eu fiquei na semi clandestinidade. Não podia aparecer nos lugares que era conhecida, mas ainda podia circular, aí eu fui demitida da Osram por ter participado da greve, porque aí ficou conhecido na cidade inteira.

Então, a casa dos meus pais que era e aí eu tenho que contar a história deles também, a casa dos meus pais era o centro desses companheiros todos, porque o sindicato dos metalúrgicos ficava muito perto da casa deles. Então, a casa dos meus pais era assim, a minha mãe fazia o almoço e meu irmão mais novo ia lá ao sindicato chamar o pessoal que estava com fome almoçar, para depois continuar. Então, o Barreto, quantas vezes ele foi almoçar em casa, e pouco antes de ele ser preso, ele passou lá e deixou coisa, deixou o violão dele para a minha mãe guardar que depois ele pegava. E a minha mãe guardou. Ela vai guardar durante mais de 30 anos esse violão. Violão que ela entregou para o irmão do Barreto, pouquíssimos meses antes de ela morrer. Ela devolveu, ela guardou esse violão e devolveu em maio em um ato que o Toshio organizou.

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** A Ieda fez uma intervenção nessa cerimônia de entregar o violão para a família do Barreto quando a mãe da Ana já estava bem doentinha, bem pequenininha com aquele violão, o irmão do Barreto é a cara dele, alto, e a Ieda fez uma intervenção e a gente perdeu, não sei, a gente não tem. Estou cobrando dela aqui que ela vai ter que repetir para a gente a intervenção que ela fez lá. Ela fez uma análise da intervenção política do Brasil, foi uma coisa muito bonita que ela fez lá. E a gente não filmou, não gravou. Pode um negócio desses? O Toshio que organizou.

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Nós temos as fotos. O movimento estudantil e o movimento operário, que eles eram articulados, eles se desarticulam completamente com a repressão toda, o pessoal em todos os locais onde nos reunimos não era mais possível, até a paróquia da igreja, a casa paroquial foi invadida, e então esse sumiço de todo mundo. Aí para nós o que se colocava? Novas formas de enfrentamento da ditadura e todo grupo passa a fazer parte da VPR. E para os meus pais se colocava...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Faz essa passagem, porque se coloca assim, mas é porque o pessoal da VPR já estava no quartel, e os operários começaram a ter contato com o pessoal do quartel?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Não exatamente.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Então conta, como é que você lembra?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Não exatamente. Na realidade se tratava de um movimento operário e não sindical. Movimento operário juntamente estudantil como eu disse. E esse grupo começa a procurar contatos em São Paulo, entre enfim, uma gama de pessoas e organizações que ainda existiam, mas a VPR ainda não existia com esse nome. E até onde eu sei, pode não ser exatamente isso, o pessoal do quartel também tinham esses contatos. Pelo que eu sei a VPR foi formada por dissidência da POLOP, remanescente do MNR, e o grupo de Osasco, se não estou esquecendo de ninguém. Então, o quartel também fazia parte dos contatos de toda essa gente.

**A SRA. THAÍS BARRETO –** Só um parêntese, eu li um pouco sobre isso, essa é uma passagem muito curiosa que eu acho da formação, porque é quando você consegue se situar dos contatos. E como o Zequinha ficou 98 dias preso, eu sei que havia o contato dentro dos quartéis exatamente dessa forma que você está falando, mas ficou durante um tempo chamado só de organização, não é isso? Chamavam só de organização, é isso mesmo? Antes de nomear VPR. Antes de ganhar esse nome, VPR, que era o momento que estavam fazendo os contatos de quem estava na clandestinidade. O que eu entendi é que nesse momento dos contatos, antes de ir para aquela casa que ganhou esse nome, Vanguarda Popular Revolucionária, que antes se chamava de organização, que era esse período que vai capitalizando as pessoas, não era isso, Ieda, você confirma isso? Eu tenho essa dúvida também.

**A SRA. IEDA REIS –** Eu poderia dizer o seguinte, o movimento de oposição sindical em Osasco, ele surge devido àquela reestruturação do movimento operário do movimento sindical que foi reprimido em 64 e foram colocados pelegos na direção do sindicato. Então, a vitória do Zé Ibrahim e dos metalúrgicos foi uma coisa muito importante, porque era jovem ainda e liderava, foi delegado a ele essa liderança do movimento sindical. Paralelamente a isso os remanescentes da POLOP, membros majoritariamente intelectuais e estudantes, e poucas pessoas ligadas à produção, esse grupo na fusão da POLOP cria um embrião que vai se unir ao Colina porque o mesmo processo que acontece em São Paulo acontece em Minas Gerais e o Colina nesse processo de negociação a VPR não existia e se chamava Organização, e para simplificar a gente chamava de O. E depois tem a fusão, depois era criada a VPR, depois tem a fusão que fica VAR, e depois volta tudo a VAR e VPR.

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Pois é, a Ieda faz parte de outro grupo da história, porque em Osasco nós éramos o grupo de Osasco e pronto. Até nos juntarmos a essa gente, e até a formação da VPR. E acho que uma coisa que precisa ser dita também. A eleição do Ibrahim para o sindicato foi naquele processo de retomada, foi articulado e eu acho importante a gente aqui frisar bem o papel dos movimentos sociais. Que o sindicato foi uma consequência do movimento operário e estruturado como você disse, exatamente, que retoma de 64. Bom, todas nós aqui, vai dar para perceber, temos um ex-marido. Então, em outubro de 68 eu me caso com o Roque Aparecido da Silva e nós vamos morar em um aparelho. Até existiram algumas piadinhas, porque foi uma leva de casamentos, o principal não era o casamento, mas era a montagem do aparelho para a organização. E aos meus pais o que se coloca nesse momento? Continuar na vidinha deles, romper completamente com os filhos, eu e meu irmão e todos os outros que eram meninos, ou eles também aderirem. E eles aderem também, e se vinculam a VPR como apoio, e vão morar em um aparelho. Meus pais. E foi incrível a forma com que eles compreenderam aquilo que a gente queria. A maneira com que eles entraram na mesma sintonia que a gente. E os meus irmãos, e aí vem o problema das crianças que eu acho que foi também algo que não foi bem discutido ainda quando se fala na ditadura. O meu irmão menor com 11 anos de idade e minha irmã com 13, eles vão morar em um aparelho vivendo naquele cotidiano que nós mesmos não sabíamos quantos dias mais íamos ter de vida, além disso, eles vendo aquelas pessoas que eles se ligavam afetivamente ou presas torturadas ou simplesmente desapareciam da vida deles. E isso eu considero que marcou a vida dos meus irmãos mais novos. Então, em janeiro de 69, quatro meses depois do meu casamento que foi feito clandestinamente, toda uma confusão e essas coisas, o Roque cai com justamente consequência das quedas que a Ieda já relatou (ininteligível) com o Zé e foram todos levados vão para o Dops, lá foram ameaçados, lá enfim, todas as sevícias de sempre. E é uma coisa muito, a gente vê como a repressão atingiu pessoas. Como o marido da Iracema era uma pessoa ainda não vinculada a nada, um trabalhador, imigrante nordestino, uma pessoa que estava na dele. Depois que a polícia chegou, para ele foi uma vergonha tão grande ele ter sido preso, que ele vendeu a casa onde eles moravam e olha que para pessoas daquele nível econômico não é fácil adquirir uma casa, não era e não é fácil, ele vendeu e foi morar em outro lugar. Então, veja como isso vai afetar não só aqueles que estavam diretamente vinculados. E o João é levado ferido. Eu volto ao caso do João para ter coerência no meu relato. Eu fico na clandestinidade durante todo o ano de 69 sempre vinculada a VPR. Quando a VPR se une a Colina e se torna Var Palmares eu também continuo vinculada. E quando a cisão, que uma parte foi ser VPR não necessariamente com os mesmos militantes, e a Var Palmares continua, eu fico desvinculada da Ieda e vinculada a VAR Palmares.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Deixa eu fazer uma pergunta em caráter bem pessoal da época. Muitas organizações contribuíram com a greve de Osasco, o POC inclusive, aproveitando a presença da Ângela, teve uma presença grande na greve. Até o pessoal da AP ajudou, o pessoal de Osasco estavam lá. Já tinha trabalho. A AP jogou peso. Agora, me diz uma coisa, como aparece o Lungaretti aqui nessa história, entrou quase uma coluna de secundaristas da organização que o Celso, o Edvaldo, o Massafumi, vieram. Por qual porta eles vieram? Você lembra disso?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Eu não sei, porque eu o conhecia de vista o Massafumi e o Marcos. Eu conhecia de vista porque eles eram secundaristas também. Mas eles, foi por um outro lado que eles entraram, não foi pelo nosso grupo. O nosso grupo eram fundamentalmente os operários e estudantes de Osasco.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Porque eles se aproximaram de vocês a partir da greve. Isso eu lembro.

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** Sabe o que aconteceu? Em Osasco tinha o ITA, Instituto Tecnológico Educacional, que tinha uma Professora maravilhosa, marxista, que era a mãe do Marcos. E vários alunos que faziam colegial nessa escola em Osasco fizeram grupo e depois foram lá na greve, que era o Marcos, Massafumi, que era desse grupinho dessa Professora maravilhosa de português, eu a conheci e ela pegava os moleques, o Stan também entrou nessa aula aí, e ela botava eles para conversarem depois da aula, sábado, dava livro e dava uma confusão. Depois que esses alunos se juntaram ao sindicato e a VPR.

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** De qualquer maneira, são pessoas que nós não conhecíamos.

Bom, o Roque ficou preso, ele e todos os companheiros daquela época. Aí em janeiro de 1969 eu cometi a mesma burrice da Dilma. Foi aparecer em um ponto, aliás, foi a mesma pessoa que me entregou. Eu caí talvez uma hora, meia hora antes da Dilma. 70, 69 para 70. Em janeiro de 70 eu também sou presa. Não cabe aqui dizer o nome porque isso de você dizer, abrir ou não é muito pessoal, mas enfim, e foi presa toda a direção regional da Var Palmares. A prisão é efetuada pela Oban, vamos todos parar na Oban e eu acho que aqui cabe uma pequena reflexão. Porque a tortura e qual a intensidade, e porque da intensidade. Era fundamentalmente para descobrir novos companheiros, chegar a novos militantes e dependendo do nível de periculosidade que a repressão considerava que essa organização tinha. No nosso caso já caiu de cara toda a direção. Teve eu não me lembro do nome, bom, teve esse companheiro que abriu os militantes. E aí teve uma pessoa, era Antonio o nome dele se não me engano. Ele fez um papel assim, ele entregou o vizinho dele com quem ele teve uma conversa quem sabe mais ou menos de esquerda. Foi sabe assim, um horror. Tudo aqui em São Paulo. E então caiu muita e muita gente. A Var Palmares era considerada uma organização, depois que a VPR saiu, uma organização muito mais de intelectuais. E nós tivemos que ouvir isso do Capitão Homero. Vocês, o que é isso, vocês deviam ser do Partido Comunista Italiano que tem 50 anos de tradição. Eu fazia questão de ter uma compostura, usava aliança. Essa menina aqui, os valores dela são todos burgueses. Usa aliança, não é casada. Então, assim, eram umas coisas assim. Então, eu acho que isso, esse tipo de coisa determina, determinava o nível de sevícias e tortura que os militantes sofriam. Isso não quer dizer que não houve. Teve choque elétrico, teve pau de arara.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Você foi torturada?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Eu levei choques elétricos na Oban quando eu cheguei. Em seguida que eu cheguei. Mas em seguida começaram a chegar pessoas muito mais importantes que eu. Então, a tortura que eu sofri foi muito mais psicológica. Durante muito tempo eu não conseguia deixar a porta aberta dando assim para espaços que circulava gente, porque a porta da sala onde estávamos, nós éramos em três mulheres, tinha que permanecer aberta e aí eles passavam. Daqui a pouco vamos te pegar, daqui a pouco a gente volta. Às sete horas da noite. Hoje vai ser você aqui. Você vai ver a noite que você vai ter.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Vocês ficavam naquele predinho?

**A SRA. ANA MARIA GOMES** – Ali na Rua Tutóia. Ouvimos, a primeira coisa quando a gente entrava era mostrar o sangue do Jonas, o Virgilio Gomes da Silva, que ainda estava na parede, mostrando como todos nós íamos ficar se não falássemos. Ouvimos durante várias noites gritos de companheiros sendo torturados. E assim, dá até um branco na cabeça da gente, porque muitos de nós tivemos até uma perda momentânea, eu não sei como chamaria isso na cabeça da gente. Mas a gente não lembra mais, não é, Ieda? A gente não lembra mais de endereço, a gente não lembra mais de coisas elementares. O meu pai também foi preso não pela minha queda, mas pela queda de outros companheiros que chegaram até ele. Ficou uma semana e depois foi liberado. Um matuto que não consegue nem pensar direito. (ininteligível) e uma das torturas psicológicas a que eu fui submetida foi esse investigador narrar com pormenores como o João tinha morrido. Eu faço questão de falar, grande parte, foi longa a conversa. Mas ele narrou pormenorizadamente à agonia dele. E eu me lembro por detalhes que ele disse, ele morreu lá jogado, apodrecendo. Alguém que fica acho que foi em julho a setembro em um hospital não morre apodrecendo se isso não tenha sido de propósito. E eu acho que ainda deve existir formas de se fazer uma investigação minuciosa de como o João, eu não tenho dúvidas, ele não morreu de um tiro. Foi muito mais que isso.

**A SRA. IEDA REIS –** Eu gostaria de fazer uma intervenção sobre o papel da Iracema. A Iracema que é irmã deles, eu esqueci de desligar essa coisa. O João foi preso na casa dela, depois eu mantinha contato com ela nessa época, eu mantinha contato com Iracema e a gente tentava saber por ela onde o João estava, para saber se é possível uma ação de resgate, e a gente tentava ir resgatando aos poucos. A Iracema tinha também um Professor. Ela era agente escolar, eu não me lembro, ela tinha uma função em uma escola estadual e esse Professor era agente infiltrado também que seguia os passos da Iracema o tempo todo. Então, tinha que tomar muito cuidado nos encontros com ela porque ela era também seguida. Então, quando ele foi preso e a Iracema também, ele foi levado ao HC. Então, foi feito sutura, ela conseguiu, ela tem um depoimento muito importante, muito esclarecedor, e eu acho que seria importante se ela viesse prestar depoimento. Ela é uma pessoa que sofre e se emociona muito. Ela inclusive sofre muito com isso porque ela viu o irmão definhar lentamente. Ele foi tirado das clínicas, foi levado ao Hospital Militar e lá ele sofreu até a morte. Eu sugiro que chamem a Iracema para depor sobre isso que pode ser esclarecedor.

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** No início do João, ele me mandou da mesma forma, nós tínhamos, eu também tinha contato com a Iracema e ele me mandou recado dizendo que estava bem. Não é possível uma pessoa morrer depois disso. Eu sou levada para a Oban, não sei o nome dele, mas isso foi no Dops e eu não sei se ele era da equipe do Fleury, mas ele era do Dops e o Fleury estava quando eu cheguei à noite. Quando o grupo chegou à noite. E isso foi no dia seguinte, então, eu não posso, não sei qual foi à equipe. Nesse momento meu irmão que tinha ido para o Rio de Janeiro por causa de ser procurado em São Paulo e tudo mais, o Osni, ele está em uma situação por causa das quedas de não ter onde ficar, perdeu o contato com as organizações, e contando com a ajuda de amigos ele sai do Brasil e vai para a Bolívia onde ele tinha conhecidos. É toda uma história, ele atravessando a fronteira, ele indo no trem depois da morte, indo naquele trem da morte na Bolívia. Ele conseguindo atravessar, não tinha nenhum documento e isso foi pego na casa dos meus pais, foi destruído, ele sai com uma identidade falsa e ele atravessa junto com um grupo de trabalhadores bolivianos que estavam de um lado, ele se mete no meio sempre através desses apoios desses amigos, eles entram dentro da caminhonete e passa pela fronteira com o chapéu passando por boliviano. E aí ele vive em La Paz, é toda uma história, tem coisas lindas de solidariedade, de divisão de dinheiro entre outras pessoas inclusive não brasileiros, mas também refugiadas, enfim, são coisas boas que a gente tem que guardar dessa história toda de solidariedade. Ele fica então de começo de 70 até primeiro semestre de 71 que ele consegue, junto com outros dois companheiros, um equatoriano e um brasileiro. Um deles recebe o dinheiro e eles repartem o dinheiro para poder sair, isso é lindo, e eles chegam em Santiago. A decisão deles é porque lá já começa a se concentrar todos os refugiados brasileiros. Eu fico presa até setembro de 70 sem processo, sem coisíssima nenhuma. E como era mais ou menos praxe, o pessoal que foi preso sabe disso, eles pegavam um punhado de cada processo e soltavam. Eu sou solta tendo que aparecer uma vez por semana na auditoria e três dias depois que eu sou solta, eu sou levada novamente para a Oban. Eles vão novamente até minha casa. Novamente.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Foi torturada de novo ou não?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** É uma história, eu considero mais complicada até do que isso. Eu sou levada para a Oban e o que queriam de mim? Um dirigente da VAR tinha sido preso, e a repressão queria que ele desse o endereço de um apartamento no centro de São Paulo. Ele dizia que ele não sabia. E que quem sabia esse endereço era a Ana que estava no Presídio Tiradentes. Ele não sabia que eu tinha sido solta. Aí o Capitão de plantão colocou nós dois, um de frente ao outro e disse, um de vocês dois vai contar qual era esse endereço. Era um endereço antigo. Não devia ter mais ninguém e eu tinha muito receio de chegar outras pessoas, com nomes verdadeiros, e ele disse então, você, um dos dois vai contar senão vocês dois vão ser pendurados no pau de arara e vamos ver quem resiste mais. E saiu. Aí esse companheiro disse para mim, por favor, dê esse endereço. Eu não aguento mais ser torturado. Eu disse o endereço, foi horrível pela pena que eu senti do companheiro, chegar a um estado, um homem, em toda a sua juventude, a sua força chegar a esse ponto e me senti culpada durante anos também por ter dado esse endereço. O pessoal tinha saído deveria ter mais de um ano, parecia não ter consequência. Eu achava que todo mundo me detestava, eu achei o casal que morava porque eles tinham me abrigado durante um certo tempo. E eu voltei a encontrá-los no Chile. E aí eles não tinham tentado absolutamente nada o fato de eu ter aberto o endereço. Tinha uma menina bem jovenzinha, fiquei na mesma sala que ela, com o tornozelo em carne viva de ser torturada. Aquela etapa que já tinha quase todo mundo sido preso ou sido morto. Nós éramos jovens, era uma juventude mais jovem ainda que a gente, e a menina lá. Assim.

Eu fui solta, fiquei três dias presa e fui solta. Fui solta porque eu tinha que me apresentar na auditoria e passei a ser seguida 24 horas por dia. Nesse momento eu já tinha muita divergência a Var Palmares e já estava vinculada ao pessoal originário da VPR que estavam no Presídio Tiradentes. E eles decidem que eu tenho que sair do país. E aí, a minha história era realmente uma história montada. E eu tive a sorte de ninguém ser preso naquele tempo. Então, uma pessoa perigosíssima para mim era a Ieda. Eu fazia exercício o tempo inteiro para aguentar a tortura na hora que descobrissem mais coisas ao meu respeito. E a Ieda, a gente se conhecia, e ela foi presa no Rio de Janeiro. E bastava que ela dissesse alguma coisinha sem querer, porque as nossas histórias eram montadas visando dar o mínimo possível a repressão. Então, qualquer companheiro ou companheira podia montar essa história. Eu saí do Brasil, eu nunca tinha saído de São Paulo. Eu era uma menina, nunca tinha feito um monte de coisas até pela minha condição social e vou bater no Chile. Fiz uma viagem, ninguém sabia direito como sair. Contei com a solidariedade de companheiros e pessoas amigas de Osasco que juntaram dinheiro e me deram uma pessoa que era Professor na escola em que eu estudava. Me pôs no carro e eu tive que sair absolutamente clandestina, porque me seguiam dia e noite. Meu irmãozinho ás vezes ia comprar leite no bar para ver se aquela pessoa que estava lá desde de manhã ainda continuava lá. Que era um bar que tinha bem na esquina. E essas pessoas me ajudaram, uma solidariedade de gente anônima. E aí eu fiz uma viagem, fiz por Foz do Iguaçu, fui até Buenos Aires, de Buenos Aires eu fui até Bariloche, e de Bariloche eu passei depois de muitas peripécias para Puerto Varas no Chile, e aí eu fiz isso até Santiago. É uma viagem absolutamente louca de ter sido feita assim. Demorou 10 dias. E aí também pessoas que conheci no trem, jovens com quem eu começava a conversar, sabe assim? Me abrigar na casa. É de uma solidariedade porque sacou o que estava acontecendo comigo. Eu vou parar no Chile, o meu contato lá era o Teotônio dos Santos e aí tem aquelas peripécias que parecem filmes que eu chego, o único lugar que eu tinha era a Universidade, nem me lembro mais aquelas siglas todas do Chile, e quando eu chego lá dizem que ele estava viajando, e só volta daqui a três meses. Não tinha, mas acabei contatando companheiros, falei com a mulher do Teotônio dos Santos a Vânia que também era uma intelectual conhecida e ela rapidamente me pôs em contato com o pessoal, os exilados que já estavam lá. A grande surpresa para mim foi à liberdade, a liberdade no Chile. A Vânia me diz assim, qual é o hotel que você está que daqui a pouco eu mando uns companheiros lá para te buscar. E eu, o que é isso, chamando assim de companheiro em público? Eu cheguei em outubro antes da posse do Allende. E aquilo para mim foi assim, como? Existe democracia aqui no nosso lado do planeta? E existia. Existia, eu fico em janeiro, quem lembra? O Roque e todos esses companheiros a quem eu estava vinculada chegam no Chile trocados pelo Embaixador em 70, trocado pelo Embaixador suíço em 71. Bom, então chegam e era o grupo político a quem eu estava ligada, porque justamente saiu todo aquele pessoal, o pessoal de Araçatuba. E a gente retoma então discussões, e eu vou dizer isso para mostrar como a ditadura monitorava todos os nossos passos. Parte desse grupo faz uma ida à China, nós ficamos quatro meses na China e fomos o primeiro grupo não vinculado ao PCdoB ou a qualquer Partido pró-chinês que visitou a China. E quando a gente saiu da China já sabiam exatamente quem tinha ido, quanto tempo tinha ficado e tanto que tem toda uma história que nós ficamos detidos na volta, no aeroporto de Orly, enganando a gente fazendo um tipo de pressão, porque nós tivemos em Paris e a gente queria passar de novo por Paris, e era uma exigência que a gente pegasse um voo que não fizesse escala no Brasil. e sofremos toda uma pressão psicológica, não vocês não podem entrar, não sei o que, não tem voo. Até que a gente aceitou tomar um voo para Santiago afirmando que nós não podíamos passar pelo Brasil. esse voo não passa pelo Brasil, só que tinha uma companheira, a Bia, e eu literalmente pentelhando porque naquela tensão toda você nem percebe direito as coisas. E aí vamos ver, vamos ver, eu não confiei que o avião não passava. Aí nós chegamos à porta do avião, a Bia perguntou, qual é a rota desse avião? Era Dakar Rio de Janeiro, quer dizer, a gente seria (ininteligível) exatamente, depois de torturados, mortos. Então, dá para ver como a repressão tinha tentáculos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Quantos eram?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Todo mundo sabe. Vou começar pela família. O Roque, eu, meu irmão, a Bia e o Marujo Otacílio. E tinha mais algum? Não. A gente se dividiu. O grupo era bem maior, mas a gente se dividiu. Isso foi no final de sete.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Então, todo mundo que está nessa sala não acredita que a ditadura acabou, mas conta o que vocês foram fazer na China.

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** A gente foi conhecer a experiência da revolução chinesa. Depois mais tarde vai ter consequências sérias para o meu irmão isso. A gente vai parar na Argélia, solidariedade, aí claro, nós destacamos pelo (ininteligível) e o comandante vai ver o que está acontecendo, diz, nós somos refugiados políticos no Chile, não podemos passar pelo Rio de Janeiro. E aí ele diz, não, vocês não podem entrar mesmo. Aí o próprio comandante não aceitou. Voltamos, foram mais de 24 horas, o pessoal brasileiro em Paris fazendo contato com a Argélia, com o governo argelino para receber a gente. Bom, finalmente fomos para a Argélia. E foi a única vez que eu caí no sofá e dormi, ninguém conseguia me acordar, depois de mais de 24 horas nessa tensão, talvez agora o meu companheiro de quase 30 anos entenda porque ás vezes eu fico nervosa em chegar o aeroporto e passar pela polícia no aeroporto.

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** Olha, eu tenho que falar a situação da gente com relação à família, um monte de coisas que a gente passou era tão difícil, que a companheira Bia faleceu, e eu e o Alípio fomos no enterro. Chegou lá, a irmã dela, no enterro ali me pegou em um canto e me falou assim, é verdade que a Bia foi para a China? E eu falei, não só ela foi para a China como ela salvou um monte de gente pelo conhecimento que ela tinha de francês. Aí ela falou, eu nunca acreditei. A menina estava morta ali e a família não tinha acreditado que ela tinha ido para a China. Você entende o que a ditadura destruiu ali de família, de gente, eu chorei, depois eu desci com o Alípio e chorei por ela. Como ela sofreu todos esses anos da família me perguntar ali se tem uma história da China. Tudo isso é ditadura. No caso do João, o irmão, eu não consigo nem contar. É o seguinte, a morte dele foi tão terrível para o irmão e tem que ser averiguada na Comissão da Verdade que ele não consegue falar no irmão, o Roque não fala. É como se o irmão dele não tivesse morrido. É uma coisa, um negócio tão terrível para ele. Eu tenho detalhes da relação dele com o irmão, porque lá no Chile nós morávamos juntos na casa, e nós dois levantávamos cedinho e nós que limpávamos tudo. Quando eles acordavam já estava tudo... Eu e o Roque, limpávamos tudo, não sei o que lá. Um dia ele acordou e disse assim, que vontade de tomar leite. E eu falei, espera aí que eu te arrumo leite. E aí ele me contou uma história que eu acho que ele nunca tinha contado para ninguém, que era o João. Ele não conseguia falar no irmão. Quando eles eram crianças, eles moravam em uma fazenda que tinha gado com leite. O filho da puta do dono da fazenda não dava leite para eles, eles não tomavam leite. E sabe o que o João fazia? Porque disse que ele era um capeta, lindo maravilhoso, esperto, eles levantavam de madrugada e iam lá onde estavam a vaca e tomavam o leite na teta da vaca. E sabe o que aconteceu? Um dia a vaca caiu em cima do João. Aí o Roque teve que ir correndo chamar o pai para levantar a vaca, porque podia ter matado o João, e é claro que o dono da fazenda mandou eles irem embora por causa da vaca que quase matou o João. E eu quieta. Eu ia perguntar, meu deus, e ele não morreu com a vaca, mas ele morreu nas mãos da operação da ditadura. E nós choramos o dia inteiro e nunca mais ele fala nesse irmão. Eu sou privilegiada de ter ficado sentada ali, ele no sofá e eu trouxe um café com leite para ele e ele ter contado essa história da vaca que não matou o irmão para depois o irmão morrer nas mãos da ditadura. A Comissão da Verdade tem que ir atrás de como morreu o João que não foi morto pela vaca.

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Então eu vivo no Chile até o golpe, na Argélia nós nos ligamos ao PCBR. E voltamos para o Chile já vinculados a essa organização. Vivemos meu irmão, eu, esse que depois se torna meu ex-marido, vivemos no Chile até o golpe. No golpe é reconhecida a repressão. Toda a repressão que foi desencadeada contra os estrangeiros. Vários companheiros desaparecem. Ninguém conseguia ter contato com eles, companheiros amigos que conhecíamos e companheiros do próprio PCBR e o meu irmão também. Nós ficamos 11 dias tentando sair do Chile por algum meio que não fossem as Embaixadas e não conseguimos. No fim do 11º dia contando com a solidariedade de democratas cristãos do Chile que esconderam a gente no apartamento, assim a gente não podia nem se mexer porque era um condomínio e ninguém podia saber que tinha mais gente do que o casal e os filhos lá dentro. E a própria organização decide, bom, metade estava presa lá dentro, e soubemos depois que estavam presos. E aí os que ficaram decidimos que a gente tinha que entrar em uma Embaixada. Eu e o Roque entramos na Embaixada da Argentina com o carabineiro atirando atrás da gente, aquele negócio, não acertou porque não acertou, mas carabineiro atirando, e é importante que seja, enfim, eu vou dizer isso daqui a pouco. Daqui a pouco não, eu estou apressando.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Vocês já estavam vinculados ao BR ou só pediram solidariedade ao BR?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Nós estávamos vinculados desde o começo de 72 ao PCBR.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** E nessa leva da Embaixada o Ricardinho Azevedo estava?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Não me lembro. Me lembro de vários companheiros. O Gabeira estava lá, a Vera Silvia estava lá, outros companheiros, realmente não lembro, outros aí que se eu puxar pela memória eu vou lembrar. O Ziga, a Angélica estavam lá. Aí depois disso nós fomos levados por um golpe do Secretário do Consulado, da Embaixada que era um peronista de esquerda após vários, não me lembro, a gente perde a noção do tempo, mas ele preparou um avião que teve um pouco de cada nacionalidade refugiada na Embaixada da Argentina. O Gabeira, por exemplo, ficou, Vera Silvia foi, eles eram casados nessa época. Então, era assim, uma questão de sorte. A fila estava lá, de repente aqui para a fila e acabou.

E fomos levados para a Argentina em um avião militar desses de combate, com água caindo dentro. Nós tínhamos quase certeza de que o avião não ia passar a Cordilheira. E fomos. Passamos a noite inteira interrogados pela (ininteligível) estudou com um filho. Mas agora vem uma outra questão que eu quero voltar, e agora eu vou, que foi então a história do meu irmão. Ele, deixamos ele desaparecido. Quando eu estava no Hotel Essência, circulavam listas e a gente sabia que todo mundo ali estava procurando alguém. E essas listas chegaram até o Hotel Essência, e eu na lista vi que não só meu irmão, mas outros companheiros estavam presos no Estado Nacional. Era um medo muito grande, porque a gente sabia que a polícia brasileira estava no Chile. E meu irmão estava com documento falso. Até aí a gente achava que era só isso. O Osni Geraldo Gomes preso no Estado Nacional e com ele aconteceu o seguinte, eu vou ler parte do depoimento que ele fez para a Comissão de Anistia, aliás, processo que está parado até agora. Esse ano fazem 40 anos do golpe do Chile. Ele só teve coragem de relatar a história dele há dois anos e meio atrás. Não foi falta de coragem de voltar para o Brasil, não foi nada, foi ele não conseguia por essa história para fora. Então, eu vou ler a parte do Estado nacional.

Após o golpe de Estado que após o Governo da Unidade Popular do Chile, fui preso no centro de Santiago pela força de carabineiros no dia 13 de setembro de 1973, 3º dia do golpe militar pelo único motivo de ser estrangeiro e estar no apartamento alugado por estrangeiros. Estava no Chile vivendo sob o nome de Edson Campos Rodrigues. De lá fui levado ao Estado nacional de Santiago, passando primeiro por uma comissária de carabineiros onde passei horas deitado de bruços no pátio da comissária junto a outros detidos. Essa espera só foi interrompida por uma simulação de fuzilamento. Por volta do que calculo que tenha sido final de outubro foi percebida pelos detidos brasileiros no Estado nacional a presença da polícia brasileira, eram chamados os brasileiros em pequenos grupos somente de presos brasileiros. Passavam horas de espera sem se preocupar uns com os outros e eram chamados individualmente a um interrogatório onde militares chilenos faziam perguntas lidas de papeizinhos que lhes eram passados por homens que se mantinham calados no fundo da sala. As perguntas versavam exclusivamente sobre atividades no Brasil, tanto individuais quanto da oposição da esquerda organizada. A procedência dos autores das perguntas eram evidentes, tanto pela aparência física deles, um deles era mulato e no Chile não tem negros. Outro claro demais para o tipo chileno. Como pelo trôpego das perguntas visivelmente traduzidas direto do português. A mim me coube o segundo dia de interrogatórios, fui levado pela manha, provavelmente entre sete e oito horas, juntamente com outros companheiros. Depois o interrogatório confuso onde me faziam perguntas sobre a minha suposta ligação com Partidos da esquerda brasileira, sobre minha identidade e sobre outros militantes fui novamente levado a antissala onde nos forçavam a esperar imóveis, voltados para a parede sem comunicação qualquer. Depois de uma espera que me pareceu longa, impossível de avaliar o tempo que me encontrava, sem relógios e janelas, depois do chamado (ininteligível) e deu um risinho irônico. Meu comentário foi, se for para viver em liberdade, quero. Depois com novo risinho ele acrescentou, isso eu já não sei. Em dado momento os dois interrogadores abandonaram a sala deixando o operador da maquineta que havia guardado o equipamento na bolsa sozinho comigo. Depois iam fazer umas das perguntas e fazendo anotações, ele agradeceu aos oficiais sentinelas que nos haviam acompanhado e se retirou. Depois disso foi levado de volta onde os outros interrogados continuaram esperando. Estava com dificuldade de andar e me manter em pé depois da tortura. Temia pelo desdobramento da ameaça de ser levado de volta ao Brasil pelos torturadores. Pouco tempo depois quando aparentemente a guarda estava sendo trocada, os outros presos foram levados embora ficando apenas eu e o outro companheiro com a nova guarda. Depois de algum tempo fomos levados a uma zona retirada do estádio próximos aos portões de saída onde estavam localizados presos considerados perigosos. Nos fizeram sentar no chão em um canto do corredor, onde passamos a noite. Durante a noite esse companheiro me contou que havia sido preso e torturado no Rio de Janeiro por uma equipe comandada pelo mesmo indivíduo que comandava os torturadores brasileiros no estádio e que chamavam de Doutor. Esse o havia reconhecido e havia prometido continuar aquela conversa no Rio de Janeiro. Segundo esse, era oficial do CENIMAR.

Eu acho que não me cabe aqui dizer o nome desse oficial do CENIMAR. Esse nome está no processo do meu irmão que está lá na Comissão de Anistia juntamente com um laudo médico de companheiro médico que atendeu o meu irmão depois da tortura, está lá, o laudo e está cartas de outros companheiros atestando essa tortura e pelo menos, no mínimo uns 15 brasileiros que estavam junto com o meu irmão conhecem o nome desse oficial. É só chamar esse pessoal. A maioria do pessoal que esteve no Estado nacional conhece o nome desse torturador. Todos esses fatores mais o fato de estarmos isolados...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Ele pôs no depoimento? A Sra. podia dizer o nome?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Alfredo Poetner. Salvo algum engano de qualquer maneira ainda tem, ainda está vivo o companheiro que tinha sido torturado no Brasil pela mesma pessoa. Eu sei que ele está em péssimo estado de saúde, mas ele ainda está vivo.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Sabe quem é?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** José Carlos Guimarães? Ele estava no Chile com o nome de Pedro Paulo, não me lembro do sobrenome. E foi ele que reconheceu e disse qual era o nome. Eu posso inclusive ter me equivocado em uma ou outra letra do nome. Por isso que o depoimento do meu irmão diz, o José Carlos Guimarães tem esse nome.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** O José Carlos Guimarães, quando ele foi torturado, a Sra. lembra para facilitar a procura, que organização que ele estava sendo processado?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Não sei, mas é fácil de saber, eu sei que ele é do Rio de Janeiro, não é de São Paulo. Ele é do Rio de Janeiro.

Todos esses fatores e mais o fato de estarmos isolados sob vigilância de sentinelas levaram-nos a crer porque o José Carlos também ia ser devolvido para o Brasil, porque ele reconheceu o oficial. Na manhã seguinte, porém em função de instruções da direção através dos auto falantes do campo, de que todos os estrangeiros deveriam ser conduzidos a um determinado setor, conseguimos convencer as nossas sentinelas de que isso se aplicava também a nós dois, e logramos voltar ao grande grupo. Fui então retirado do Estado nacional para dizer que depois tinham companheiros de todas as nacionalidades com o nome do meu irmão escrito com casca de laranja, escrito com tudo para poder denunciar caso ele ainda fosse devolvido para o Brasil.

Fui então, retirado do Estado nacional pela Cruz Vermelha Internacional e transferido para um refúgio sob a proteção da Suíça, e de lá fui para a Suécia - foi puro acaso, ele não sabia que nós estávamos lá. Em 15 de novembro de 1973 onde fui recebido como exilado político. O sofrimento, as privações e as torturas que fui recebido nesse período perduram até hoje na minha vida. A minha capacidade de adaptação física e psíquica foi profundamente afetada. O companheiro médico fala sobre isso porque eles eram amigos e conheceu ele antes e depois. Afetada e têm convivido durante esses 40 anos após o ocorrido com instabilidade psíquica, emocional e afetiva. Essas instabilidades não permitiram o desenvolvimento profissional normal em toda a minha vida na Suécia. O meu irmão saiu do Estado nacional com metade da mão completamente insensível. Ele depois recuperou. Ele até hoje tem problemas nas pernas por causa do tempo que ele deve ter ficado, quase que uma noite inteira pendurado no pau de arara. Até hoje ele tem dores.

Em 1979 com anistia política tentei retornar ao Brasil e busquei em vão uma reintegração ao país a necessidade de trabalhar para garantir a minha subsistência em um país estrangeiro embora acolhedor, não me permitiu obter uma qualificação - que é o que a Ieda e a Celeste falaram. As dificuldades que muitas pessoas tiveram até para obter uma qualificação profissional. Por isso eu me considero uma das felizardas. Eu consegui fazer isso – que facilitasse a minha reinserção profissional no Brasil e garantir uma subsistência aceitável. Retornei a Suécia onde vivo até esse momento. Somente hoje após todo esse tempo é que está sendo possível reviver e aceitar a minha história com equilíbrio suficiente para conter a indignação, a raiva e o ódio. Sem deixar de ser totalmente tomado por esses sentimentos. A inconsciente recusa de pensar em quaisquer eventos relacionados a esse período foi sintomática dessa minha condição e que só hoje está sendo possível recuperar. Hoje tenho clareza de que o sentimento latente de que a qualquer momento eu poderia ser novamente vítima de um aparelho repressor capaz de ultrapassar fronteiras, desrespeitando a soberania de outros países. Estava na raiz da minha capacidade de adaptação, não só no Brasil, mas em qualquer lugar em que eu vivesse. Infelizmente esse sentimento era e é até hoje reforçado pelo fato de que aqueles que me torturaram vivem ainda impunemente nesse país e que talvez eu seja a única testemunha viva das atrocidades por eles cometidas. Osni Geraldo Gomes.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** De quando é esse depoimento? A Senhora tem a data de quando ele fez esse depoimento? Ele fez para a Comissão Brasileira de Anistia?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Foi em 2010. Foi janeiro, fevereiro de 2010. Meu companheiro talvez lembre. Foi início de 2010.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** A Sra. é Professora aonde?

**A SRA. ANA MARIA GOMES –** Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde 90, acho. Estou finalizando a minha carreira acadêmica, mas não de militante do movimento social.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Muito obrigado. Cumprimos mais uma. Só lembrar do CAISM.

**A SRA. ÂNGELA MENDES DE ALMEIDA –** Eu fui chamada um pouco para, a expressão que você usou foi equilibrar a mesa. Mas aqui está um maravilhoso Deputado e mulheres. Eu acho que o equilíbrio vem daí. Eu acho que cada experiência é uma experiência. Outro dia eu relatei a parte da minha experiência clandestina fora do Brasil e em organizações ligadas a Quarta Internacional. Quando eu saio da clandestinidade é que começa o meu exílio. E talvez por causa dessa militância internacional e também por sorte e também porque quando eu saio do Brasil eu tinha terminado ciências sociais, eu tive um exílio com esses problemas de documentos. Aqui você tem um documento, lá você tem outro, mas um exílio que para mim foi muito aproveitável, eu consegui fazer no fim o meu doutorado e chegar aqui com doutorado. Eu consegui logo o emprego em Portugal na universidade, e tenho lembranças muito boas desse período. Particularmente um enorme orgulho de ter participado do fim do que em Portugal se chama PREC que é o processo revolucionário em curso, e ter vivido em Portugal onde eu fui admitida em duas universidades por decisão de uma assembleia geral de Professores e alunos e funcionários, era assim que os professores eram contratados.

Então, eu acho que eu aproveitei bem. Mas eu compreendo muito bem, mas muito bem a situação do seu irmão porque a volta ao Brasil foi terrível e continua doendo porque continua doendo nas costas dos 190 presos de ontem, não sei quantos presos de dois dias atrás que tem que pagar fiança de 20 mil reais por todos os 200 e tantos mortos, jovens da periferia no semestre passado e daí por diante. Porque eu acho que o Brasil já estava mau quando eu cheguei, e anda muito mal, ao contrário de visões otimistas.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Ângela, queria te fazer uma pergunta na sessão. Você tem algum grau de parentesco com o Candido Mendes de Almeida ou Luciano Mendes de Almeida?

**A SRA. ÂNGELA MENDES DE ALMEIDA –** Tenho. Quer que eu conte a história da minha família? Eles vieram de Portugal, esses Mendes de Almeida, foram para o Maranhão, aí o que seria irmão do meu avô Candido Mendes de Almeida foi para o Rio de Janeiro, a família se instalou lá e ficaram milionários. Depois o meu bisavô que é o João Mendes de Almeida veio para cá, eles moravam na Praça João Mendes em uma casa que hoje é uma padaria, Santa Teresa se não me equivoco, mas sempre ficaram pobres. E advogados todos, foram professores da Faculdade de Juristas.

**A SRA.** – (inaudível – fora do microfone).

**A SRA. ÂNGELA MENDES DE ALMEIDA –** Como não é pobre? Não é pobre, não tem propriedade. Eles eram pobres porque eles tinham a propriedade dessa casa e só. Eu estou comparando com o Candido Mendes de Almeida.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Muito obrigado.

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –** Eu trabalhei na França em um lugar chamado (ininteligível) e é uma favela, hoje é o maior lugar de índice de tudo. Eu trabalhei em uma organização da FEBEM lá de crianças pequenas, não dava para ir de carro porque era perigoso. Então, eu ia a pé. Um dia estou saindo a pé lá, tão cansada e vejo uma casa cheia de couve. Um jardim cheio de couve. Não existe couve na França, na Europa. E eu toquei a campainha e veio uma portuguesa. Aí eu perguntei, isso é couve? E ela disse, é couve que eu trouxe do Brasil. aí eu expliquei para ela que tinha um bando de exilados em Paris que ia adorar comer aquela couve. E comecei a chorar. Aí ela me deu uma sacolona de couve. Aí eu perguntei, mas onde você morava no Brasil? Ela falou, eu morava em São Paulo e eu e o meu marido a gente trabalhava em uma padaria na Praça João Mendes, que é a padaria que a Ângela falou agora. Aí eu chorava mais ainda, porque meu deus, era a padaria dos parentes da Ângela. Meu deus, como eu fui cair em uma mulher que trabalhava na padaria dos parentes da Ângela e está dando couve para fazer uma feijoada com couve para todos os brasileiros? Saí com duas sacolonas de couve. É coisa que aqui não tem significado nenhum, mas lá, na miséria emotiva que a gente vivia, era um negócio tão grande de chorar um negócio desses, dessa coisa da ditadura que obrigou a gente a fazer de tão pouco uma emoção tão grande.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Obrigado Celeste. Eu estou um pouco apavorado porque eu tenho que ir para a abertura do Congresso de Ibiúna. Peço desculpas. Você quer fazer uma retificação, certo?

**A SRA. MARIA CELESTE MARCONDES –**  Sim. Como isso vai constar em ata nessa reunião, eu tenho muitos lapsos de memória. Quando eu me referi aos meus torturadores, os quais eu me lembrava o nome, o mais presente de todos era o agente Timóteo que ainda está vivo no Rio de Janeiro, e ao Capitão Gomes Carneiro. Eu acho que eu me referi ao Guimarães. Mas o Gomes Carneiro também era o mais cruel de todos. Como foi no Rio de Janeiro não compete a essa Comissão, mas eu não queria falhar na informação.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT –** Tem a ver. Muito obrigado. Queria agradecer a todas as pessoas aqui presentes hoje. A todas as pessoas que acompanharam. A sessão está encerrada. Muito obrigado.

\* \* \*